

**CINEMA COMO ESTRUTURA CORROBORANTE À IDEOLOGIA DOMINANTE: A RESISTÊNCIA EM EXIBIR FILMES DE TEMÁTICA LGBT E A DISCUSSÃO SOBRE O FILME “HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO” NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN**

**MS. EDDLA KARINA GOMES PEREIRA – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI ÁRIDO**

**DANIEL GUIMARÃES DE FRANÇA MOREIRA – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO**

**DERMESSON JOSUÉ MARTINS FEITOSA – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO**

**MICAEL FELIPE DE ALBUQUERQUE CABRAL**

**RESUMO:** O desenvolvimento tecnológico trouxe diversos instrumentos ao cenário pedagógico dos indivíduos. Dentre estes, se encontra o mercado cinematográfico que, através de suas mídias, difunde ideias com velocidade e eficiência sem precedentes. Por estas características, e por se fazer presente em grande parte do nosso planeta, o cinema se torna um instrumento formador de opiniões. A problemática sobre este mecanismo se encontra na característica difusora de ideais que contribuem para a manutenção de (pre)conceitos que já deveriam ter sido superados ou para a criação de outros ainda não existentes. Estes ideais não são difundidos impositivamente, sendo “mera” reprodução reiterada de estereótipos femininos/masculinos em filmes, por exemplo, sem uma demonstração de perspectivas diferentes, reafirma estigmas sociais historicamente dominantes. Neste raciocínio, faz-se necessário inserir ideias que contemplem toda a sociedade nas manifestações artísticas, a exemplo do cinema; acontecendo a passos lentos com algumas obras cinematográficas cuja trama ocorre entre casais homoafetivos. Sob esta ótica social excludente e heteronormativa, percebemos recente relutância da franquia de cinema em Mossoró/RN, em exibir o filme nacional, “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho”. A nota explicativa para tal (des)motivação elencava o fator de que o filme teria público “extremamente direcionado e selecionado”, o que, para a franquia, justificaria a não exibição. Poderia se inferir apenas um receio do cinema em não ter bom retorno financeiro com a obra, mas percebendo o teor do argumento, pressupor que um filme prestigiado internacionalmente não traria bom retorno, é contestável, restando a alternativa de que o problema seria o conteúdo; pondo em questão a ideia do cinema como fomentador de convenções sociais. Questão materializada na relação de passividade do sujeito frente à mídia, facilitando o convencimento das pessoas de algo através da demonstração artística de uma realidade fictícia na qual os valores presentes nesta se evidenciam fortemente no “final feliz” da trama.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; estereótipos; heteronormatividade.

Engels (1984) em seu livro “*A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*” ao destrinchar historicamente como se desenvolveram as relações sociais individuais e coletivas até o estado atual da família patriarcal e de relação monogâmica em especial para a mulher, pontua a relação intrínseca entre esta estrutura social familiar e a proteção social à propriedade privada e o interesse em que esta se mantenha sob o poder da mesma organização familiar pelas gerações futuras. Esta manutenção da propriedade justificou a mudança das relações matriarcais de organização para a perspectiva patriarcal, visto que, percebendo a mulher como parte dos bens do homem, este teria controle maior sobre ela e garantiria que os filhos gerados através dela eram todos da sua linhagem. Sob esta reestruturação – vale frisar que é uma “reestrutura” pois, como elucidado, nem sempre fora desta forma e modificou-se por interesses patrimoniais –, a sociedade desenvolveu-se e o patriarcado se tornou a raiz da qual outras ramificações ideológicas opressoras surgiram, enrijeceram-se e perpetuam-se hodiernamente. Dentre estas, ressalta-se o machismo, a misoginia, o racismo e, em destaque, a heteronormatividade. Estas noções ideológicas que nos são impostas como normais se justificam pela percepção da sociedade ao longo da nossa formação familiar, a qual direciona o indivíduo desde a mais tenra idade a sujeitar-se a formas de agir e pensar que coadunem com a ideologia social dominante.

Destacando-se a “heteronormatividade”, importa elucidar o porquê da existência desta limitação quanto à aceitação das diversas orientações sexuais e a consequente imposição de um padrão sexual “normal”.

Seria contraditório pensar em uma sociedade patriarcal, estruturada desta forma por causas já elencadas, senão em um contexto heteronormativo. Tendo em vista que a ideia de posse da mulher ao homem advém do interesse deste em manter seus patrimônios dentro da sua entidade familiar mesmo após seu falecimento, a noção de duas – ou mais – pessoas reunindo-se para constituir um núcleo familiar sem a possibilidade de constituição de prole biológica entre si iria de encontro com o interesse de perpassar os bens aos herdeiros legítimos, pelo fato de que estes não existiriam dentro no conceito antigo de herdeiros.

Desta forma, não era interesse dos primeiros patriarcas que este tipo de conduta se tornasse aceita, pois caso parte de sua prole não seguisse o padrão heteronormativo, os bens adquiridos seriam passados para indivíduos de outra família e perderiam a conotação inicial.

Como fomentador da exclusão e intolerância para as diversas formas de demonstração de afeto e expressões sexuais, aparelhos sociais se estruturam sob a mesma direção e por seguinte atuam no cenário social com papéis diferentes afim de obter um mesmo

resultado: a manutenção da ordem vigente. Sobre tais instrumentos, interessa destacar o conceito elucidado por Pedrinho Guareschi para “aparelhos ideológicos”, sendo estes:

Mecanismos, que na sua função de manutenção e reprodução das relações numa sociedade usam a persuasão, a *cantada*, isto é, a ideologia. Eles são bem mais difíceis de serem identificados, pois é necessária certa astúcia, certa perspicácia para poder perceber seu papel. Como dizíamos antes, eles são muito mais sofisticados em sua ação. (GUARESCHI, 2005, p. 92)

Estes aparelhos ideológicos se encontram dentro da noção marxista de superestrutura, e se subdividiram em diversos instrumentos como a Igreja, a Família, a Escola e o Direito que, ao longo das épocas, garantiram a manutenção da estrutura social e continuam a fazê-lo.

Entretanto, com os avanços da ciência e o desenvolvimento dos meios de comunicação, a sociedade desenvolve novos aparelhos ideológicos que contribuem à manutenção da ordem social, pois pregam as ideologias dominantes, mesmo que de forma silente.

Dentre estes novos mecanismos, destaque-se o cinema. Este aparato utilizado para o entretenimento social, é também um espaço de disputa política e ideológica. Desta forma, visto que a relação de um indivíduo com a tela é de passividade; em outras palavras, não existe um contraponto para o demonstrado nas longas no cinema, pois não há relação direta entre os produtores e artistas dos filmes com os que o assistem. Sendo assim, os que assistem apenas se sujeitam a observar toda uma trama construída em torno de simbolismos e ideologias em diversos contextos sociais.

Sendo assim, o cinema se torna um espaço de disputa ideológica, tanto também pelo seu atual alcance global. Os filmes que tentam demonstrar uma forma diferente de se pensar, geralmente trazem consigo uma trama “recheada” de simbolismos e ideias que são percebidas pelas entrelinhas quando se analisa o filme analogamente a nossa sociedade. Um exemplo pode ser extraído do filme “*Matrix*”, que com sua trama fictícia demonstrou realidades surreais mas com diversas referências a nossa sociedade e sua forma de se organizar.

Em contrapartida, as longa metragens que não utilizam deste artifício, raríssimas vezes são exibidas nas principais salas de cinema brasileiros. Neste contexto, percebemos recente relutância da franquia de cinema na cidade de Mossoró, no estado do Rio

Grande do Norte, em exhibir o filme nacional, “*Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*”. A nota explicativa para tal (des)motivação elencava o fator de que o filme teria público “extremamente direcionado e selecionado”, conforme trazida a seguir: “NOTA Esclarecemos que o filme HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO, será lançado nacionalmente no dia 10 de abril, no entanto, como o filme tem público extremamente direcionado e selecionado, o filme será lançado somente nas principais capitais do Brasil em primeiro momento”.

O que, para a franquia, justificaria a não exibição. Poderia se inferir apenas um receio do cinema em não ter bom retorno financeiro com a obra, mas percebendo o teor do argumento, pressupor que um filme prestigiado internacionalmente não traria bom retorno, é contestável, restando a alternativa de que o problema seria o conteúdo; pondo em questão a ideia do cinema como fomentador de convenções sociais. Questão materializada na relação de passividade do sujeito frente à mídia, facilitando o convencimento das pessoas de algo através da demonstração artística de uma realidade fictícia na qual os valores presentes nesta se evidenciam fortemente no “final feliz” da trama.

Sobre a longa em questão supramencionada, vale frisar que o filme não se dispunha a discutir profundamente questões de gênero e as nuances da sexualidade humana. Apesar da abordagem inusitada com um personagem principal deficiente visual, a obra demonstra timidamente a relação entre dois rapazes, sem maiores discussões contrastantes com os paradigmas sociais sobre relacionamentos afetivos. E é neste aspecto que a explicação do cinema sobre a não exibição do filme se torna insuficiente: o conteúdo – tendo em vista o mencionado sobre este.

O enrijecimento de tal instrumento para conteúdos diversos reforça a sua importância na sociedade como um aparato de informação e difusão de opiniões. A partir do caso prático elucidado, percebe-se a importância de se apropriar do instrumento midiático cinema como obras que contemplem as diversas formas e expressões sexuais em sua naturalidade, tendo em vista a sua capacidade difusora.

Portanto, trazendo o pensamento de desnaturalizar conceitos e pressuposições de gênero e sexualidade que são geralmente essencializados pelo senso comum da sociedade (HIOKA, 2008), é necessário que os difusores do cinema, mesmo que por fins econômicos, como é o caso de uma franquia de cinema, sejam meios para atrair atenção na sociedade e abrir espaço para discussões, não pautando suas exibições em generalizações quanto aos telespectadores e na reprodução da heteronormatividade.

Haja vista que a personalidade do realizador e sua concepção de mundo dizem muito acerca da realidade da imagem fílmica, de modo que as interpretações, embora múltiplas e infinitas, pois dependem da reação do espectador diante da obra, ela deve também ser vista como produto dos gostos, da cultura, das posições políticas e sociais do cinema, assim como o é para o espectador. (NUNES, 2013, p. 48)

A singularidade deve ser capturada, conforme acrescenta Siqueira (2004): “As imagens do cinema se confundem muitas vezes com as próprias imagens que o sujeito tem de si mesmo. As imagens não são vistas como objetos externos que trazemos para reflexão, mas como âncoras facilitadoras do conhecimento de nós mesmos”.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Zulmira Newlands; PERURENA, Fátima C. V.; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues; BULSING, Muriel. **Patriarcado, heteronormatividade e misoginia em debate: pontos e contrapontos para o combate à homofobia nas escolas.** *Latitude*, vol. 07, nº 01, pp. 61-76, 2013.

DOBERSTEIN, Nicole Simone Flesch. **O Relacionamento Homossexual sob a Perspectiva Heteronormativa** (Especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61754/000866167.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado:** trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica:** alternativas de mudança. 57 ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2005.

HIOKA, Luciana. A subversão da heteronormatividade no filme *O Segredo de Brokeback Mountain*. **Revista Ártemis**, vol. 08, jun. 2008, pp. 95-109.

MELO, Rogério Amador de; OLIVEIRA, Heverton Garcia de; VIEIRA, Tereza Rodrigues. **A heteronormatividade das representações midiáticas: símbolos presentes na construção da subjetividade homoafetiva.** Disponível em: <[http://www.identidade.org.br/2010/GATS\\_POVO/Rog%C3%A9rio%20Amador%20de%20Melo\\_A%20heteronormatividade%20das%20representa%C3%A7%C3%B5es%20midi%C3%A1ticas%20s%C3%ADmbolos%20presentes%20na%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20subjetivi.doc](http://www.identidade.org.br/2010/GATS_POVO/Rog%C3%A9rio%20Amador%20de%20Melo_A%20heteronormatividade%20das%20representa%C3%A7%C3%B5es%20midi%C3%A1ticas%20s%C3%ADmbolos%20presentes%20na%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20subjetivi.doc)>. Acesso em: 15 mai. 2014.

NUNES, Kenia Almeida. **Gênero ou Sexualidade?:** (re)produção das identidades homoeróticas masculinas no Cinema de massa (Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pp. 13-118, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/1/8292>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

SIQUEIRA, V. H. F. **Sexualidade e gênero:** mediações do cinema na construção de identidades, 2014. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t2313.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2014.